



Nascido em 2018 o encontro tem a proposta de criar um espaço de diálogo sobre feminismos, ancestralidades e a preservação de saberes tradicionais

Saberes e memórias

Noite de encerramento do encontro terá programação cultural aberta ao público com apresentações da Mestra Martinha do Coco e da Cia Circo Boneco e Riso

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

O Batalhão das Artes, em Taguatinga, recebe amanhã o 4º Encontro de Mestras e Griôs. Promovido pela Casa Moringa, coletiva de encantarias, brincadeiras e teatro popular com 12 anos de atuação no Distrito Federal, o encontro nasceu em 2018 com a proposta de criar um espaço de diálogo sobre feminismos, ancestralidades e a preservação de saberes tradicionais. Grôs significa guardiões da memória, da tradição oral e da ancestralidade.

Nesta quarta edição, o projeto presta homenagem à memória da mestra bordadeira Santina Azevedo, que morreu em 2025 e participou do encontro desde a primeira edição. A programação reúne mulheres reconhecidas como guardiãs de conhecimentos, fazeres e ofícios transmitidos entre gerações.

A proposta é construir um espaço-tempo intergeracional de escuta e troca, no qual mestras, griôs, aprendizes e público possam compartilhar histórias de vida, música, dança, culinária, poesia, brincadeiras e outras manifestações culturais e afetivas. Mais do que reunir diferentes gerações, o encontro busca contribuir para que conhecimentos construídos ao longo de décadas continuem sendo transmitidos e registrados.

Além da Grande Roda de Saberes, o encontro terá uma programação especial de encerramento aberta ao público, das 19h às 21h. A entrada é gratuita e a classificação é livre. Entre as atrações está o espetáculo *Herdeiras do Mestre*, — *As Donas do Circo*, da Cia. Circo Boneco e Riso, seguido de show da Mestra Martinha do Coco e sua banda.

Criada em 1968, em Juazeiro do Norte (CE), por José André dos Santos, o Mestre Zezito, a Cia. Circo Boneco e Riso é um grupo tradicional de cultura popular cuja trajetória é marcada pela participação da família. Desde 1991, o grupo atua no Distrito Federal e no Entorno, mantendo e renovando a tradição circense e popular.

Inspirado na trajetória da família Zezito, o espetáculo *Herdeiras do Mestre*, — *As Donas do Circo* celebra a história, a memória e o legado da companhia. A montagem reúne números circenses que percorrem diferentes momentos dessa trajetória e tem no elenco a Mestra Rosineide Amorim e suas filhas, Rita Amorim e Isabel Amorim. Juntas, as três artistas assumem o protagonismo da cena e evidenciam a força das mulheres na preservação, transmissão e renovação da tradição circense.

Na sequência, Mestra Martinha do Coco e Banda encerram a noite com

Divulgação



A Cia. Circo Boneco e Riso nasceu em Juazeiro do Norte

Davi Mello



Martinha do Coco, uma referência da cultura popular

Marcelle Pereira



Nesta edição, o projeto homenageia à memória da mestra bordadeira Santina Azevedo (C), que morreu em 2025

um repertório que percorre os três discos lançados ao longo da carreira da artista. Nascida em Olinda (PE) e moradora do Paranoá (DF), Martinha do Coco combina referências das culturas populares de sua terra natal com as vivências no Cerrado.

Com músicas autorais e uma banda formada por jovens músicos e aprendizes, a apresentação reúne elementos do samba de coco, do maracatu e da ciranda, levando ao encerramento do encontro diferentes manifestações ligadas às culturas populares.

Troca entre gerações

Para a artesã e bonequeira Tetê Alcântida, uma das mestras e anfitriã do evento, o encontro representa

um espaço de escuta, troca e preservação da memória. Segundo ela, a continuidade dos saberes tradicionais depende também do interesse das novas gerações em ouvir e aprender com quem veio antes.

“Não existe mestre sem aprendiz. Nós, que somos guardiãs e passadoras de conhecimentos, temos muita sorte de encontrar uma juventude interessada em ouvir nossas histórias, aprender e dar continuidade a esse legado. Se não houver quem queira escutar e reproduzir esses saberes, eles podem se perder com o tempo”, afirma.

Tetê destaca ainda a importância de registrar as experiências e os conhecimentos das mestras. Para ela, a preservação dessas memórias é uma forma de garantir que costumes,

brincadeiras, comidas, rezas e modos de vida possam ser conhecidos pelas próximas gerações.

“Daqui a 50 anos, quem vai contar como eram nossos costumes, nossas brincadeiras, nossas comidas, nossas rezas e a maneira como vivíamos? É o registro que vai permitir que essas histórias continuem existindo”, destaca.

Segundo a mestra, a própria cenografia do encontro é construída a partir dessa ideia de preservação. Produzida por Tetê, a estrutura reproduz uma cozinha de roça, com fogão a lenha, panos, bacias, pratos e xícaras. O espaço será o cenário da roda de saberes e tem como referência as memórias e vivências da mestra.

Para Tetê, a cozinha representa um lugar de convivência e transmissão de

Programação

GRANDE RODA DE SABERES

- 14h | Abertura com a boneca Samarina
- 14h30 | Exibição do documentário *Viradas no Tempo*, resultado da 2ª edição do Encontro, realizada em 2022
- 15h | Prosa com 12 mestras do Distrito Federal. Mediação: Maria das Alembraças
- 16h | Intervalo para o Café com quitandas
- 18h30 | Encerramento da Grande Roda

APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

- 19h | Cia. Circo Boneco e Riso
- 20h | Martinha do Coco e Banda

Serviço

4º ENCONTRO DE MESTRAS E GRIÔS - NOITE CULTURAL

Quando: 22 de agosto (sábado), das 19h às 21h

Onde: Batalhão das Artes — Taguatinga Norte (DF)

Com: Cia Circo Boneco e Riso e Mestra Martinha do Coco e Banda

Entrada: franca

Classificação: livre

Acessibilidade: Libras e AD

Nas redes: @casamoringaoficial

conhecimentos, além de fazer parte de sua própria trajetória. “A representação dessa cozinha traz muito da minha história. É um trabalho de resgate da memória do fazer, dos alimentos, das histórias e dos encontros que aconteciam na cozinha. É uma maneira de manter viva uma parte da nossa história e permitir que ela continue sendo contada”, explica.

Realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), o 4º Encontro de Mestras e Griôs começou em 12 de agosto, com uma oficina de cavalo-marinho ministrada pela mestra Nice Teles, de Condado (PE).

Amanhã, a partir das 14h, serão realizadas rodas de diálogo fechadas para participantes inscritas. As discussões terão como temas identidade, memória, legado e mulheridades, com o objetivo de valorizar o papel das mulheres na preservação das culturas populares no Distrito Federal.

A beleza amarelada dos ipês encanta a capital do país

Os tons amarelos dominam ruas, parques e avenidas da capital federal. Depois de uma espera maior do que a habitual, a floração dos tradicionais ipês amarelos volta a encantar brasilienses e visitantes, que param para admirar, fotografar e registrar o espetáculo natural que transforma a cidade na estação seca. Em meio ao céu azul característico de Brasília nessa época, as copas floridas voltam a compor uma das paisagens mais emblemáticas do Cerrado e renovam o encanto pela árvore símbolo da capital.

Segundo o censo do IBGE, Brasília ocupa a quinta posição entre as cidades com maior número de árvores nas ruas. De acordo com

a Novacap, a cidade possui cerca de 6 milhões de árvores plantadas, das quais aproximadamente 10% são ipês o que representa a cerca de 600 mil exemplares espalhados pelo Distrito Federal.

A percepção de que a floração demorou mais a chegar neste ano tem explicação. De acordo com o biólogo e doutor em botânica pela Universidade de Brasília (UnB) Marcelo Kuhlmann, o período de florescimento dos ipês está diretamente relacionado às condições ambientais. “Todo ano o período pode variar alguns dias ou semanas, e as plantas também podem florescer mais de uma vez. Podem terminar uma florada e depois vir

outra em seguida”, explica.

Mais do que um cartão-postal, os ipês funcionam como verdadeiros indicadores das mudanças sazonais do Cerrado. A cada ano, o surgimento das flores marca a passagem do inverno seco e reforça a relação entre Brasília e a vegetação que ajudou a construir a identidade visual da cidade. Segundo o especialista, a floração é uma resposta fisiológica das árvores a fatores como frio, luminosidade e seca. “Quando essas condições mudam, altera-se também o período da floração”, afirma. Ontem, de acordo com o Immet, a umidade no DF foi a mais baixa do ano — 15% em Brasília e 12% no Gama.



Minervino Júnior/CB